



A PERCEPÇÃO DOCENTE DAS AULAS PRÁTICAS EM ECOLOGIA NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Coutinho, A. S.¹

Silva, W. L.¹; Anjos, C. S. G.¹; Lins - e - Silva, A. C. B.²; Farias, G. B.³

1 - Discente bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/MEC/SESU) em Ecologia (coutinho.anderson@hotmail.com), Universidade Federal Rural Pernambuco, R. Dom Manoel de Medeiros, s/n, Dois Irmãos Recife, 52.171 - 900, PE. 2 - Docente da Área de Ecologia, Tutora do PET em Ecologia - UFRPE. 3 - Professor do Centro Acadêmico de Vitória - UFPE.

INTRODUÇÃO

As estratégias de ensino são fontes de diversas discussões e pesquisas entre os professores de ensino fundamental e médio, mas são pouco discutidas no ensino superior. Essa lacuna fortalece a equivocada ideia de que para ensinar basta conhecer o conteúdo. Subjacente a tal afirmação, está a suposição de que, no ensino superior, o mais importante é o domínio dos conhecimentos referentes à sua área de atuação (Rozendo *et al.*, ., 1999). Muitas vezes, para agravar esse cenário, a única estratégia de ensino utilizada é a transmissão de conteúdos, os quais o aluno deverá reproduzir nas avaliações. Esta perspectiva de ensino focada na transmissão é caracterizada por Freire (1975) como uma educação que modela o comportamento dos alunos mediante a exposição verbal da matéria, oferecendo uma sobrecarga de informações que devem ser memorizadas. Nesse contexto, as aulas práticas, quando bem direcionadas, podem ajudar a quebrar esse paradigma. Nelas os alunos têm a possibilidade de participar de forma mais ativa, exercendo ações sobre o conhecimento e tornando a aprendizagem mais significativa. Vasconcelos *et al.*, (2002) diz que para a aula experimental fazer do aluno sujeito ativo na aprendizagem, a mesma deve desenvolver o procedimento científico, tais como capacidade de observação, inferência, medição, comunicação, formulação de hipóteses, interpretação de dados e conclusão. Tal proposta é respaldada pela LDB (Brasil, 1996) no que se refere ao ensino superior. Define - se, no Art. 43, que a educação superior deve

estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo. Assim, entendemos que para compreender a Ecologia em sua prática é necessário distanciar - se das aulas experimentais que visam apenas à exposição e à demonstração. Esta perspectiva de ensino não faz do aluno sujeito ativo na compreensão da Ecologia como ciência, apenas estimula o processo de transmissão e reprodução do conhecimento. Frente ao exposto, o presente trabalho tem como questão de pesquisa: como ocorrem as atividades de aulas práticas desenvolvidas pelos professores de Ecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco? É importante frisar a razão que nos levou a fazer da Ecologia objeto de estudo, pois as disciplinas da área trazem em seus programas que metade das aulas deve ter um caráter prático.

OBJETIVOS

Investigar como as atividades práticas são desenvolvidas nas aulas de Ecologia da UFRPE; verificar as dificuldades que os docentes encontram para realizar tais aulas; analisar se as aulas práticas desenvolvidas podem ser classificadas como práticas e não meramente expositivas.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada com seis professores da área de Ecologia da UFRPE. Consistiu - se na realização de

uma entrevista semi - estruturada, caracterizada por combinar perguntas abertas e fechadas, na qual o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto (Lakatos, 1996). Entendemos que essa metodologia conferiu uma liberdade para o informante sem a possibilidade de fuga da investigação. As perguntas ainda condicionaram investigar os elementos que os professores julgam necessários existir para uma aula ser considerada prática e as dificuldades que encontradas na execução de tais aulas. A fim de preservar a identidade dos entrevistados atribuiremos a cada um dos professores a denominação de P1 a P6.

RESULTADOS

Na análise das opiniões dos pesquisados, verificou - se que cinco dos docentes sempre realizam aulas práticas e apenas um realiza esporadicamente. Dentre as dificuldades apontadas, quatro consideraram o transporte como um fator limitante para práticas fora da universidade. Outro problema considerado por metade dos entrevistados é a estrutura física dos laboratórios. Apesar das dificuldades, nota - se que isso não tem afetado a realização. Percebeu - se que a importância dada às aulas práticas foi expressiva, porém constatar que as mesmas são feitas não garante que os estudantes tenham sido sujeitos ativos no processo de aprendizagem. É o que percebemos na análise dos discursos, sendo identificados três perfis diferentes. Nas respostas de P1, as aulas experimentais agregaram valores de cidadania com o meio ambiente, sugerindo um contexto com conteúdos de Educação Ambiental. Essa postura pode conferir aos alunos uma visão equivocada da Ecologia, pois, assim como descreve Lopes (1994), a Ecologia exige cuidados extremos no desenho dos métodos, na coleta de dados e na sua interpretação. Diante disso, o aluno deve exercitar esta prática, para que seja possível o entendimento da Ecologia como ciência, que difere da Educação Ambiental. No discurso de P2, percebe - se a ausência de qualquer fator que pudesse indicar atividades experimentais com estímulo ao pensamento reflexivo dos alu-

nos. O discurso se pauta em práticas expositivas sem haver oportunidade ao aluno vivenciar. Nos discursos de P3, P4, P5 e P6 percebe - se que há estímulo a pró - atividade dos alunos, citando - se, por exemplo, a ida a campo, a coleta, a análise de material, exposição de situações - problema que instigam a reflexão a fim de colher suposições e provar a sua veracidade ou não. Entendemos que esta percepção é a mais proveitosa, assim como descreve Bazin (1987), quando diz que a experimentação é muito mais eficiente no ensino que a simples memorização e exposição de informações.

CONCLUSÃO

Registrou - se que a percepção de aulas experimentais por quatro dos entrevistados atendem a fatores primordiais discutidos ao longo do presente trabalho. Apenas dois dos docentes deixaram de contemplar habilidades que estimulam o pensamento científico e o entendimento da Ecologia como ciência em sua prática.

REFERÊNCIAS

BRASIL, LDB. Lei 9394/96 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996. BAZIN, M. Three years of living science in Rio de Janeiro: learning from experience. *Scientific Literacy Papers*, 1987. FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. LAKATOS, Eva Maria & Marconi, Marina de Andrade. *Técnicas de pesquisa*. 3 edição. São Paulo: Editora Atlas, 1996. LOPES, M. A Histórico e Fundamentos da Ecologia. *Texto didático*, 1994. ROZENDO, C. A.; Casagrande, L. D. R.; Schneider, J. F. e Pardini, L. C. Uma análise das práticas docentes de professores universitários da área de saúde. *Rev. Latino - Am. Enfermagem*. 1999, vol.7, n.2, pp. 15 - 23. VASCONCELOS, A. L.S.; Costa, CHC.; Santana, J.R & Ceccatto, V.M. Importância da abordagem prática no ensino de biologia para a formação de professores (Licenciatura Plena em Ciências em Limoeiro do Norte CE. [Si][Sn][Sd] 2002.